

## INTRODUÇÃO

Loredana de Stauber Caprara\*

Com a presente publicação pretende-se registrar o trabalho de pesquisa em língua italiana desenvolvido junto à comunidade italiana de São Paulo pelo Curso de Língua e Literatura Italiana da USP, na Graduação e na Pós-Graduação. O trabalho foi iniciado em 1995 e ainda está em andamento. No entanto, chegamos a um ponto crucial em que a pesquisa vai ser desativada por um período, e torna-se oportuno registrar o que ocorreu até o presente momento. De fato, em novembro de 1998, foi defendida uma dissertação de Mestrado sobre o assunto e a professora que até agora coordenou a pesquisa está se aposentando.

A decisão de publicar o trabalho de coleta de documentação já terminado: entrevistas, telefonemas, conversas livres –, deve-se à esperança de que, mais cedo ou mais tarde, este material continue a ser usado. Ele serviu como *corpus* para a dissertação mencionada acima e está precedido por uma apresentação da pesquisadora que se dedicou à coleta e à transcrição. Na publicação acrescentamos o relato de outras pesquisas paralelas sobre o ensino do italiano em São Paulo, sobre uma comunidade italiana no interior paulista e sobre algumas influências do italiano no português de São Paulo.

A documentação que aqui apresentamos sobre o italiano falado em São Paulo, embora parcial, deve-se ao esforço de várias pessoas durante alguns anos abrangendo várias etapas.

O trabalho todo iniciou por uma exigência didática. Lecionando língua e cultura italiana numa cidade que, como São Paulo, conta com uma numerosa comunidade de italianos, de descendentes e simpatizantes, onde se fala o italiano no *Círculo Italiano*, no *Istituto Italiano di Cultura*, na *Chiesa della Pace*, nos *COMITES*, na *Lega Itálica*, em várias *Associações Regionais*, em firmas e bancos italianos etc., procurei desde

---

\* Professora de Língua Italiana – DLM – FFLCH – USP.

o início aproveitar para meus alunos todas as oportunidades de contato com a língua falada que o ambiente oferecia. Pensava poder, assim, despertar neles um interesse maior não só pela língua, bem como pela cultura e hábitos dos italianos, facilitando ao mesmo tempo a fluência e a espontaneidade do desempenho comunicativo. Embora percebendo que a maioria das pessoas, nesses lugares, não falavam perfeitamente, conforme todas as normas gramaticais ensinadas na universidade, parecia-me que a informalidade, a variedade dos assuntos tratados e as brincadeiras próprias da fala cotidiana deveriam facilitar sobremaneira a aprendizagem. De fato, em alguns casos isso ocorreu. Na maioria dos casos, entretanto, o contato revelou-se improdutivo a ponto de ser abandonado no decorrer de um curto período.

A dificuldade de aproveitar a presença da numerosa comunidade italiana de São Paulo para uma imersão dos alunos na língua viva, à qual se acrescentava a não aceitação das variedades da fala peninsular pelos aprendizes, apesar da decepção, levaram-me a refletir, à procura de uma solução mais viável para a necessidade de aproximar os alunos à realidade da fala dos italianos e às suas variedades dialetais, regionais, geográficas, socioculturais etc..

Nesse mesmo período interessei-me pelos estudos que se faziam na USP e UNICAMP sobre o português falado no Brasil. Depois de alguns contatos esclarecedores com os Professores. Ataliba Castilho e Rodolfo Ilari, junto com a Profa. Olga Alejandra Mordente resolvi iniciar uma série de entrevistas com membros da comunidade italiana como documentação da qualidade do italiano falado em São Paulo nos anos 90. A realização do projeto envolveria um grupo de alunos de graduação e pós-graduação do curso de Italiano, mais algumas colegas. O contato dos alunos com a comunidade seria retomado, mas, desta vez, para um assunto preciso, com vistas à realização de uma pesquisa.

No entanto, havia divergências sobre como realizar o trabalho. Sobrepunham-se diferentes visões da realidade lingüística italiana atual, na Itália e na comunidade no Brasil, particularmente em São Paulo. Alguns colegas insistiam sobre a necessidade de iniciarmos nossa coleta de informações lingüísticas separando os informantes conforme a origem regional a fim de que não se misturassem influências dialetais diferentes. De fato as pessoas da comunidade que deveríamos entrevistar deixaram a Itália num período em que o uso dos dialetos ainda era muito comum e, sem dúvida, eles haviam sido falantes dialetais. No entanto, constatamos que, aqui em São Paulo, os dialetos só eram utilizados nos eventos promovidos pelas associações regionais, mas quase

não se ouviam nas conversações informais no Círculo Italiano e muito menos nos debates culturais ou políticos, p. ex., no COMITES, ou na Igreja dos italianos, a não ser nas reuniões regionais após as funções. O fato de pessoas originárias de várias regiões italianas interagirem entre si durante muitos anos fez com que na Comunidade italiana de São Paulo prevalecesse o uso da língua nacional. A maioria das pessoas que freqüentam esses ambientes são de nível médio alto e geralmente tiveram uma formação lingüística bastante aprimorada na família e, depois, na escola e na universidade. O uso do italiano padrão, portanto, não surpreende muito. Mas trata-se de um fenômeno de integração próprio dos italianos pertencentes a uma classe socioeconômica médio alta que, morando em São Paulo, se encontram entre si com certa regularidade e por vários motivos. De fato, talvez, possa-se falar de comunidade italiana apenas para a capital paulista. Em outras regiões, até mesmo no interior do estado de São Paulo, a realidade pode ser diferente.

Conforme informações obtidas no Consulado Geral da Itália, na "Circoscrizione" consular de São Paulo que compreende os estados de São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Acre e Rondônia, residem aproximadamente cem mil famílias italianas. Estatísticas do MAE (Ministero degli Affari Esteri da Itália) apontam para 400.000 os cidadãos italianos, isto é, com passaporte italiano, residentes no Brasil, a maioria dos quais no Estado de São Paulo, que foi a meta principal da última leva de imigração italiana após a guerra até os anos 70. Mas além dos cidadãos que ainda têm passaporte italiano, existem muitos naturalizados, importantes para a nossa pesquisa pois mantêm o uso da língua materna. Nos anos 70 o fenômeno da imigração diminuiu até praticamente parar ou haver uma compensação entre os que aqui chegavam e os que voltavam à Itália.

A mesma fonte (MAE) afirma também haver na cidade de São Paulo cinco milhões e no Brasil mais de vinte e dois milhões de descendentes de italianos. Estes últimos números foram obtidos por meio de projeções estatísticas e estão relacionados à previsão aproximativa para a concessão de passaportes italianos. Do nosso ponto de vista, relativo à permanência do uso da língua italiana no Brasil, são irrelevantes, pois se referem sobretudo a descendentes de italianos da primeira leva que, quando chegaram aqui, no fim do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX, eram, em grande parte, falantes dialetais e não tiveram condições de transmitir a língua aos filhos e netos. Até mesmo os que conheciam o italiano escrito – como os muitos socialistas e anarquistas que no Brasil se tornaram propagandistas de suas idéias nos

numerosos jornais publicados em italiano – nas conversas familiares e cotidianas, usavam o dialeto, o que era normal na época. No entanto nas primeiras décadas do século, além desses jornais, São Paulo contava com várias pequenas escolas italianas, o próprio colégio Dante Alighieri foi fundado nesse período, em 1911. Havia também, na São Paulo daquele tempo, uma livraria italiana e numerosos espetáculos teatrais em italiano. O italiano parecia ter todas as condições para continuar vivo na cidade. Mas com o passar dos anos, com a falta de incentivos por parte das instituições italianas que deveriam divulgar a língua e a cultura e, finalmente, com a guerra de 1940-45, perdeu-se o costume de falar italiano na cidade. Do mesmo modo, os imigrados do segundo pós-guerra (1945-60), em sua maioria destituídos de uma sólida preparação lingüística no país de origem, com o tempo, também acabaram perdendo o hábito de falar a língua materna até mesmo em família, e dificilmente os encontramos como membros ativos da comunidade.

Os integrantes da comunidade italiana em São Paulo, à qual nos referimos, que se reúnem nos lugares acima mencionados, Círculo Italiano etc., e que em sua maioria ainda falam um italiano suficientemente correto, chegaram ao Brasil, um pouco mais tarde, nos anos 60 até o fim dos anos 70, deixando a Itália no momento da expansão das indústrias italianas, para assumir funções diretivas nas “consociate” de importantes firmas italianas (Pirelli, Olivetti, Banca Commerciale, BNL etc.). Houve também um número bastante relevante de italianos: donos de pequenas firmas industriais falidas e muitos jovens professores e estudantes universitários, que vieram ao Brasil por causa dos problemas econômicos e políticos ligados à grande contestação italiana dos anos 70. Nesses casos não se tratava exatamente de imigrantes, mas de “italiani all'estero”, pessoas de classe média alta, com boa preparação cultural e, muitas vezes, com formação universitária que pensavam deixar seu país por poucos anos, mas acabaram ficando. Também suas esposas, na maioria, haviam cursado a universidade e dedicavam-se à educação lingüística dos filhos. Tal situação, antes inédita, junto com a mudança de hábitos lingüísticos na Itália e a facilidade crescente das comunicações intercontinentais, explica como esse grupo não apenas manteve para si o uso da língua materna, mas procurou cultivá-lo também entre os filhos e netos, criando em São Paulo uma nova tradição de cultura italiana bastante difusa. Quando já o fenômeno migratório estava terminando, no início dos anos 80, foi aberta uma escola italiana, o Instituto Montale, com ensino bilíngüe italiano/português e com classes até o secundário completo; a livraria italiana abriu outra filial; foram publi-



cados novos jornais em italiano (*Il Corriere*; *Il Corriere del Sud America*, mais tarde *Il Giornale*) além do tradicional *La settimana del Fanfulla* presente em São Paulo desde 1893.

Contribuiu, para o florescer do italiano, o ensino da língua e da cultura em escolas e universidades brasileiras. Em primeiro lugar, no ensino público. Os cursos universitários da USP e da UNESP para formação de professores de italiano, nos anos 70 e 80, aumentaram o seu quadro de professores e alunos e abriram numerosos cursos de extensão para a comunidade acadêmica. Na USP firmou-se o curso de pós-graduação. Na UNICAMP abriu-se um Centro de Línguas onde se leciona também o italiano. Centros de Línguas com o ensino do italiano foram instituídos em escolas secundárias estaduais. A partir de 1998 o italiano pôde ser estudado em escolas municipais. Secundariamente, nos anos 90, surgiram inúmeros cursos livres em escolas de línguas e até mesmo em universidades particulares, algumas de renome como a PUC, para o ensino do italiano em vários níveis. Alguns desses cursos estão sendo financiados pela Itália através do MAE.

Tudo isso contribuiu para o retorno de muitos descendentes de italianos às tradições culturais e lingüísticas de seus antepassados. Mas o quadro de referência da comunidade, apesar de ser bastante facetado, não inclui a maioria das pessoas que recentemente se reaproximaram da língua italiana. Compreende italianos nascidos na Itália com formação universitária italiana, na maioria anciãos, os filhos destes, nascidos na Itália ou no Brasil, com formação brasileira, os cônjuges brasileiros integrados no grupo, alguns poucos descendentes da primeira onda migratória que têm recuperado o interesse pela cultura e o uso da língua italiana, eventuais simpatizantes, geralmente sócios do Círculo Italiano. O Círculo talvez seja um dos centros mais ativos para a renovação duradoura do italiano de São Paulo, pois seus freqüentadores mantêm o contato entre si muitos anos seguidos e têm oportunidade de experimentar diferentes usos da língua. Voltando à comunidade em geral, trata-se de um grupo heterogêneo que, entretanto, interage em algumas atividades comuns, diferentes nos vários ambientes, mas que exigem o uso da língua italiana em registros diferenciados. Além disso, na maioria são pessoas com o hábito de viajar, de passar as férias na Itália, de participar de Encontros e Seminários a convite de Associações italianas, de mandar os filhos freqüentar cursos na Itália; estão acostumados a ler em italiano, a assistir a conferências, a participar de debates e a ter acesso aos programas da RAI na TV a cabo. O grande número de descendentes de italianos das estatísticas do MAE não pertence ao grupo,

embora, como dissemos, em São Paulo haja certa reaproximação com a língua e com a cultura peninsular por parte dos antigos descendentes.

Definido o ambiente onde o italiano é falado não apenas familiarmente, mas no desempenho de atividades variadas – culturais, comerciais e políticas –, restava escolher o primeiro segmento a ser contatado. Estávamos todos de acordo que começaríamos entrevistando pessoas com formação universitária italiana, residentes no Brasil por mais de vinte anos. Preparamos uma lista dos primeiros e iniciamos os contatos. Logo, alguns recusaram-se a participar imaginando que poderiam estar sendo submetidos a avaliações negativas e críticas. De outros, durante a entrevista, descobrimos que não possuíam todas as características exigidas mesmo aparentando tê-las. Então resolvemos diminuir as exigências preliminares, iniciando empiricamente o contato com pessoas de certa projeção na comunidade e deixando para um momento posterior a avaliação e a definição de critérios mais rigorosos de ordenação do material obtido. Resolvemos também não falar em pesquisa lingüística, mas limitarmos a dizer que estávamos fazendo um trabalho sobre os italianos notáveis de São Paulo.

Para facilitar as entrevistas, foi elaborado um questionário com perguntas que, embora deixando certa liberdade, permitissem enfrentar vários registros de língua mais ou menos formais. As alunas de graduação e de pós-graduação seriam as entrevistadoras. Num primeiro momento, muitas delas pareciam disponíveis para colaborar, e foi necessário fazer uma seleção. Aos poucos, porém, houve desistências. Algumas gravações resultaram pouco claras, outras foram perdidas. Os problemas mais sérios, no entanto, iniciaram com as transcrições.

O trabalho de transcrição de um texto falado em língua estrangeira é muito delicado e difícil. É necessário ter bem claras as finalidades, definindo o que se quer obter, se a compreensão do texto, como é formulado pelo estrangeiro e como outro estrangeiro da mesma língua o entende, ou se pretendemos uma transcrição fonética onde sejam registradas as variedades da pronúncia. De fato, apesar de o italiano falado no Brasil ter certa uniformidade devida à influência do português, permanecem nele algumas características regionais, que na Itália são aceitas, mas que podem confundir um falante estrangeiro. Foram necessárias então longas horas de escuta e debates acirrados sobre o que ouvimos e como deveríamos fazer a transcrição com vistas à realidade plurilingüística do italiano. Para as alunas era difícil aceitar a equivalência de algo que aos seus ouvidos soava diferente. Foram necessárias leituras sobre as características da pronúncia italiana, contatos com outros ita-

lianos, inclusive pessoas que não moravam no Brasil, para que diversidades sem valor de oposição fossem aceitas como equivalências. A demora dos trabalhos fez com que as alunas menos motivadas deixassem a tarefa no meio. Prosseguiram, durante um período bastante prolongado, três alunas da graduação com bolsa de iniciação científica e a orientanda que concluiu a parte do trabalho que aqui se apresenta. Além das transcrições, ela desenvolveu a análise das interferências lexicais do português presentes no italiano dos italianos paulistanos, procurando explicá-las.

Entre as colegas que colaboraram com este trabalho, a professora Olga Alejandra contribuiu na organização da parte didática, ligada à compreensão; as professoras Giliola e Paola estão pesquisando em áreas afins, para a obtenção do doutorado; a professora Liliana da área de Geografia foi nossa assessora para os critérios de escolha das pessoas a serem entrevistadas e é atualmente orientadora da professora Giliola; a professora Daniela, imaturamente falecida, contribuiu à contagem das palavras no Centro Lingüístico Computadorizado de Pisa, na Itália.

No presente volume estão reunidos treze inquéritos, entre entrevistas, conversas telefônicas e conversas livres. Marilisa Bertechini Bilia apresenta o trabalho de coleta e transcrição. Outros inquéritos envolvendo pessoas com as mesmas características foram gravados e aguardam a transcrição definitiva. Faltam as entrevistas a italianos com menor formação escolar na Itália, a filhos de italianos e a brasileiros que, freqüentando os mesmos ambientes, têm convivências com os dois primeiros grupos. Posteriormente a equipe deverá iniciar o trabalho de análise do material coletado.

Uma vez concluída, a pesquisa deverá mostrar a realidade dos italianos de São Paulo passados cem anos do auge da imigração e vinte anos do fim da mesma, seu apego às tradições e em primeiro lugar à língua materna.